

Choque de liberdade

FOI FÁCIL remover o acessório do que se convencionou chamar de entulho autoritário: levou uma semana, se tanto, de sessões do Congresso Nacional, quando se aboliram as restrições à criação de partidos políticos, admitiu-se o voto do analfabeto, determinou-se a realização de eleições para prefeitos das Capitais e se aprovou a emenda que convocava o Congresso Constituinte.

FOI TÃO fácil quanto atacar um fenômeno em seus efeitos, sem lhe atingir a natureza íntima e as causas. Tão fácil quanto ilusório. Porque um autoritarismo saiu, para dar vez a outro: saiu o autoritarismo acumulado, configurado e entulhado, mas criando espaços para um autoritarismo difuso, ilimitado e entranhado. Mais nocivo, por menos identificável, que o outro.

VEJA-SE o caso do Regimento Interno da Constituinte, tão sorrateiramente autoritário, que foi preciso uma experiência de longos meses para a mais simples das verificações aritméticas: que não era a Comissão de Sistematização, com seus 47 votos, e sim um plenário com maioria de 279 votos, a representação mais adequada da totalidade da sociedade brasileira. Veja-se o fôlego e o descaramento que tem a prepotência.

PIOR É que essa prepotência, juiz em causa própria do progressismo, esteve à beira de institucionalizar o autoritarismo, produzindo-nos uma Constituição de fazer inveja às regulamentações em que se especiali-

zaram os chamados déspotas esclarecidos, esclarecidos para efeito de propaganda e déspotas na prática do regime. Teríamos então saído de um autoritarismo de fato, para entrar no mais esdrúxulo e contraditório autoritarismo, um autoritarismo de Direito, legitimado e ungido.

É PARA essa nefasta mentalidade autoritária, inerente ao Estado-Providência, o Estado que cede à tentação secular de posar de Deus, que nos adverte reiteradamente o Senador Roberto Campos, em sua recente entrevista ao GLOBO, apontando-nos o único meio de desmistificar essa contrafação sacrílega: aplicar ao Brasil a terapia de que mais precisa, um choque de liberdade.

SÓ É democrata quem tem consciência alertada para o próprio pendor autoritário. Só se restabelece o Estado de Direito com um Estado rigorosamente vigiado em seu potencial de dominação. Só se faz legítimo o Poder que teme seus próprios abusos. Porque, ao autoritarismo, lhe é absolutamente indiferente a veste de que se serve: se a farda, ou a toga; se o comando, ou as normas.

O CHOQUE de liberdade passa inevitavelmente pelo caminho de um Estado diminuído e de uma sociedade engrandecida por uma Constituição privativista. O Estado dilatado do atual projeto de Constituição só somará à aventura do autoritarismo a miséria da ineficiência. Já um Estado purgado dessas ameaças à sociedade não requererá dieta alguma especial, como bem assinala o Senador Roberto Cam-

pos: não precisará de uma nova Constituição, bastando fechar os Ministérios inúteis, cortar subsídios e incentivos, privatizar empresas, liberar preços, câmbio e negociações salariais.

E O QUE é uma Constituição privativista, se não uma Constituição que restabelece a dignidade da sociedade brasileira, emancipando-a de tutelas? São essas tutelas que inviabilizam o capitalismo e falseiam o socialismo: inviabilizam o capitalismo, por corromper de protecionismo cartorial o denodo empresarial; e falseiam o socialismo porque, ao lhe tirar a precondição da eficácia econômica, criam uma máquina estatal que mais rende para os "assistentes" que para os "assistidos".

HOUVE um tempo, neste País, em que se sofismava com a democracia, alegando ser esta mero conceito técnico, cujo único valor estaria em ser expressivo de elevados índices de bem-estar social: era o sofisma do bem-estar tirado das mentes, para confiná-lo aos ventres ou, talvez, aos bolsos. Os sofismas de hoje não diferem, em substância, dos de ontem; dizem, em síntese, que é preciso usurpar a liberdade de alguns, para promover o bem-estar de todos, ou da maioria.

TAIS SOFISMAS não diferem na essência, por passarem ambos ao largo de um postulado fundamental das democracias: as liberdades, tanto quanto universais, são solidárias. Suprimindo-se uma, tira-se a esperança das demais. Daí a urgência de um choque de liberdade.